

**Muito mais do que os heróis tradicionais: A revista
Comedy Comics e o personagem “Super Rabbit”
durante a Segunda Guerra Mundial.**

**Much more than traditional heroes: The magazine *Comedy
Comics* and the Character Super Rabbit during the World War II**

*Victor Callari*¹

¹ Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo e autor do livro “Guerra Civil – super heróis - : terrorismo e contraterrorismo nas histórias em quadrinhos” (2016), além de organizador da coletânea “História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa”(2021), em parceria com o historiador Márcio dos Santos Rodrigues. E-mail: victorcallari@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo consiste em um recorte da pesquisa de doutoramento, em andamento, na Universidade de São Paulo, e que analisa a transmissão do trauma da Segunda Guerra Mundial na segunda geração de sobreviventes, a partir das histórias em quadrinhos. De forma mais ampla, busca-se compreender como o conflito foi representado nas HQs, no decorrer do século XX. No entanto, dentro dessa pesquisa volta-se para dois gêneros presentes entre 1939 e 1945, conhecidos como “super-heróis e “*funny animals*”. O artigo relaciona o sucesso das histórias em quadrinhos com a retomada econômica dos Estados Unidos, na segunda metade da década de 1930, apresenta alguns dos principais títulos publicados no período e procura identificar elementos comuns, presentes nos dois gêneros, a partir de uma análise específica da revista *Comedy Comics*.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda Guerra Mundial; histórias em quadrinhos; História Cultural; Representações.

ABSTRACT

This article consists of an excerpt from doctoral research, in progress, at the University of São Paulo, which analyzes the transmission of World War II trauma to the second generation of survivors, based on comic books. More broadly, we seek to understand how the conflict was represented in comics throughout the twentieth century. However, within this research it turns to two genres present between 1939 and 1945, known as “superheroes and “*funny animals*”. The article relates the success of comics to the economic recovery of the United States in the second half of the 1930s, presents some of the main titles published in the period and seeks to identify common elements in both genres, based on a specific analysis. from *Comedy Comics* magazine.

KEYWORDS: Second World War; Comic Books; Cultural History; Representations.

Pensar em uma tradição de representações² acerca da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, construída nas histórias em quadrinhos, deve passar, necessariamente, por um olhar acerca das produções estadunidenses, entre 1939 e 1945, que largamente contribuíram para consolidar o gênero dos super-heróis e passaram a figurar, em maior ou menor escala, no imaginário ocidental, nos últimos oitenta anos³. No entanto, essas publicações "concorriam" com dezenas de outros títulos que não tinham como protagonistas os super-heróis ditos "tradicionais", e tampouco eram produzidas visando o mesmo público leitor.

Assim, com o objetivo de ampliar a compreensão acerca das representações da Segunda Guerra Mundial, nas histórias em quadrinhos, produzidas nos Estados Unidos da América, esse artigo procura analisar como o conflito foi retratado na revista *Comedy Comics*, uma publicação que fazia parte da subseção intitulada "animator bullpen", da Editora *Timely Comics*. Além de apresentar a revista em questão, essa pesquisa procura acompanhar o personagem *Super Rabbit*, seu principal protagonista, em outros títulos em que ele foi publicado, verificando se as estratégias de representação, estereótipos e convenções presentes nas representações da guerra, nas revistas de super-heróis tradicionais, também aparecem em publicações cujos personagens eram animais antropomorfizados e voltados para um público ainda mais jovem.

² A noção de "representação" é utilizada, nessa pesquisa, a partir das contribuições teóricas do historiador francês Roger Chartier.

³ Em 1940, 80% dos 109 títulos publicados tinham super-heróis como protagonistas. In: GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books*. University Press of Mississippi, United States of America, 2010, p.38

A Segunda Guerra Mundial e as histórias em quadrinhos: algumas considerações

O início da Segunda Guerra Mundial foi responsável por uma verdadeira revolução na estrutura da sociedade estadunidense, produzindo mudanças econômicas, sociais, políticas e, também, demográficas, no país.

Em 1939, antes de entrar na guerra, o exército dos Estados Unidos contava com cerca de 300 mil soldados, enquanto ao final do conflito, em 1945, esse número havia subido para mais de 12 milhões. Em 1940, 31 milhões de homens, entre 18 e 45 anos, se alistaram no exército, e cerca de 10 milhões efetivamente serviram, números que somados ao de voluntários e mulheres atingiram mais de 15 milhões. O exército passou a contar com um contingente de 10,4 milhões, a marinha com 3,9 milhões, os fuzileiros navais contavam com um efetivo de cerca de 600 mil, enquanto a guarda costeira mantinha outros 250 mil (LEPORE, 2018).

Na esfera civil, as mulheres dobraram a força de trabalho. A produção fabril cresceu, e entre 1940 e 1945 os Estados Unidos produziram 300 mil aviões militares, 86 mil tanques, 71 navios de guerra e 3 milhões de metralhadoras. Nas fazendas a produção agrícola de grãos aumentou em 12 milhões de toneladas, e esses grãos abasteciam tanto o mercado interno quanto os países aliados, como Inglaterra, França, União Soviética e China.

Os gastos do governo também dispararam durante a guerra, e representam um dos dados mais surpreendentes entre aqueles listados acima, uma vez que o Governo Federal gastou mais entre 1941 e 1946 do que entre 1789 e 1941. Cerca de 40% do PIB estava voltado para a economia de guerra, em 1944, e a Renda Nacional Bruta subiu de 91 bilhões de dólares para 166 bilhões de dólares (LEPORE, 2018, p.537-539).

Para além dos dados militares e econômicos mencionados acima, Philip Jenkins destaca as mudanças demográficas que afetaram a ocupação do território estadunidense. Segundo o autor:

O gigantesco esforço de guerra americano teve um efeito duradouro na estrutura da sociedade dos Estados Unidos, incluindo uma mudança geográfica do poder para os estados do Oeste, que haviam desempenhado um papel fundamental na produção de guerra. (JENKINS, 2012, p.209)

As fábricas localizadas nos Estados da região Oeste do país necessitaram da mão de obra disponível para atender a demanda da guerra, o que gerou um fluxo migratório interno e produziu o crescimento de cidades como Los Angeles. Jenkins considera que o impacto social e político dessa mudança é comparável ao movimento de conquista do Oeste, ocorrido no século XIX.

Em consonância com as considerações de Lepore e Jenkins acerca da revolução econômica e social causada pela entrada dos Estados Unidos na guerra, o historiador Bradford Wright, preocupado com o mercado de quadrinhos, afirma ainda que:

The war years were a boom time for most American industries, and the comic book industry was no exception. As defense spending finally pulled the nation out of the Great Depression, millions found work and brought home larger paychecks. Many workers had never had it so good, and neither had their children. More disposable income for Mom and Dad meant more nickels and dimes for kids to spend on comic books⁴.

⁴ Tradução livre: "Os anos de guerra foram uma época de boom para a maioria das indústrias americanas, e a indústria de quadrinhos não foi exceção. Como os gastos com defesa finalmente tiraram o país da Grande Depressão, milhões encontraram trabalho e trouxeram para casa salários maiores. Muitos trabalhadores nunca tiveram uma vida tão boa, nem seus filhos. Mais renda disponível para mamãe e papai significava mais moedas e centavos para as crianças gastarem em histórias em quadrinhos". In: WRIGHT, Bradford W. *Comic Book Nation: the transformation of youth culture in America*. The John Hopkins University Press, Baltimore & London, 2001, p.31

Para Wright, o final da crise iniciada com a quebra da bolsa, em 1929, só ocorreu, efetivamente, com a Segunda Guerra Mundial, dando início à um período de prosperidade econômica o qual Eric Hobsbawm denominou como “era de ouro” (HOBSBAWM, 1995, p.15), e que se estendeu até o final da década de 1960. Nos anos da guerra, o pleno emprego e a melhora nas condições de vida permitiram à classe média crescer e desfrutar de avanços tecnológicos, como os automóveis, e acessar com maior frequência atividades culturais, como o cinema e a leitura, entre elas as histórias em quadrinhos, destinadas não apenas ao público infanto juvenil, mas também lida por jovens e adultos.

O historiador francês Jean-Paul Gabilliet⁵, em seu livro *Of Comics and Men: a Cultural History of American Comic Books*, obra ainda pouco referenciada nas pesquisas em quadrinhos no Brasil, também afirma que a indústria dos quadrinhos acompanhou o processo de expansão observado em outras esferas da sociedade estadunidense.

The Second World War was the backdrop to a phase of continuous growth for the comic book industry. The number of titles witnessed a continuous expansion, contents became increasingly diverse, and recurring characters multiplied in comic magazines. Comic books originated an industry that yielded considerable revenue and became identified by the public as distinct from newspaper comics and pulps⁶.

⁵ Jean-Paul Gabilliet é professor de “North American Studies”, na Universidade Bordeaux Montaigne.

⁶ Tradução livre: “A Segunda Guerra Mundial foi o pano de fundo de uma fase de crescimento contínuo para a indústria dos quadrinhos. O número de títulos teve uma expansão contínua, conteúdos tornaram-se cada vez mais diversificados, e personagens recorrentes se multiplicaram em revistas em quadrinhos. As histórias em quadrinhos deram origem a uma indústria que rendeu considerável receita e tornou-se identificada pelo público como distinto dos quadrinhos de jornal e dos pulps”. In: GABILLIET, Jean-Paul. *Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books*. University Press of Mississippi, United States of America, 2010, p.38.

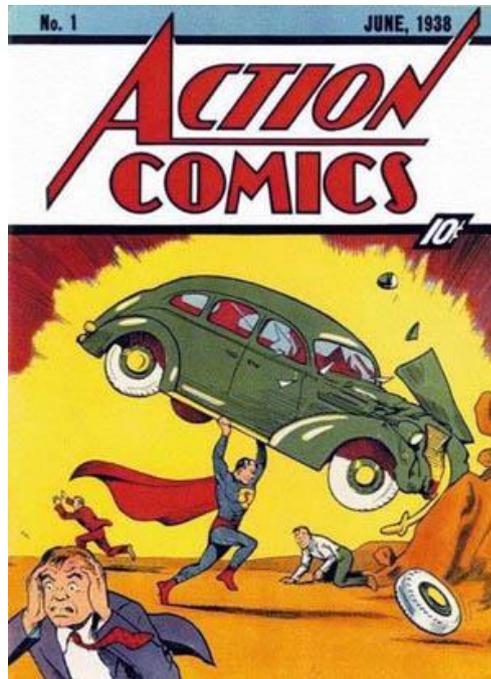
Apesar da dificuldade em atestar os números de vendas durante a guerra, existe um consenso entre os pesquisadores de que entre 1940 e 1945 as vendas de histórias em quadrinhos triplicaram (ROBB, 2014). Os dados referentes às vendas, comumente aceitos pelos pesquisadores, seriam de cerca de 15 milhões de exemplares vendidos por mês, no início de 1942, passando para 25 milhões de cópias mensais no início do ano seguinte, enquanto em dezembro de 1943 as vendas teriam atingido a casa dos 30 milhões de exemplares, em mais de 125 títulos diferentes. (WRIGHT, 2001) (ROBB, 2014). É importante destacar que durante a guerra o governo dos Estados Unidos tornou-se um dos principais consumidores das editoras de quadrinhos, enviando mensalmente, cerca de 35 mil exemplares das revistas do Superman para os soldados que iriam se alistar, e que uma em cada quatro revistas enviadas para as tropas no exterior era uma história em quadrinhos (ROBB, 2014), elemento que contribuiu significativamente para o crescimento das vendas.

Para atender a demanda desse mercado, os anos entre 1939 e 1945 também registraram uma enorme força criativa por parte dos artistas envolvidos na indústria de quadrinhos, e dezenas de novos super-heróis apareciam todos os meses. Se por um lado, muitos dos personagens que ganharam destaque nesse período ainda estão presentes em nossa sociedade, em pleno século XXI, por outro, não foram poucos os heróis “patrióticos” incapazes de vencer o desafio do tempo, e que ao terem suas revistas canceladas, permaneceram esquecidos ou desconhecidos, senão para uma pequena porção de pesquisadores e estudiosos dos quadrinhos daquele período.

Entre os que foram capazes de permanecer como parte integrante da cultura ocidental está o Superman, personagem criado por Jerry Siegel e Joe

Shuster, cuja primeira aparição remete à revista *Action Comics* #01, de 1938⁷ (ver imagem 1)

Imagem 1: Capa da revista Action Comics #01



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Action_Comics_1

E ainda que seja possível enxergar na primeira aparição do Superman o ponto de partida para o sucesso do gênero dos super-heróis, pesquisadores como Peter Coogan (2006) e Randy Duncan afirmam que as principais convenções do gênero já faziam parte da cultura estadunidense por meio de personagens presentes em narrativas de ação, como os super-homens da ficção científica; o *übermensch* da literatura Pulp, e os vigilantes com identidades secretas (DUNCAN, 2009)⁸.

⁷ Para saber mais sobre a criação do Superman, ler o capítulo "Superman Arrives: the first Comic Book Superhero", do livro "A brief history of superheroes: from Superman to the Avenger, the evolution of Comic Book Legends", de Brian J. Robb.

⁸ Duncan recorre à tabela elaborada por Coogan, que demonstra como as principais convenções podem ser encontradas em obras e personagens como Frankenstein, Robin

Superman's abilities are directly influenced by a building named Hugo Danner, who appeared in Phillip Wylie's 1930 novel *Gladiator*, a book which Jerry Siegel had given a very favorable review in his fanzine. Early in the novel Danner tells his child, "I can jump higher than a house. I can run faster'n a train. I can pull up big trees na' push 'em over" (Wylie 44). Later, Danner goes to war, he finds that his skin is invulnerable to bullets, and exploding mortar shells can wound him.

In his early adventures, Superman's more limited powers were described in a similar way. In *Action Comics* #1 (1938), Clark Kent discovered he could "hurdle a story building . . . raise tremendous weights . . . run faster than an express train . . . and that nothing less than a bursting shell could penetrate his skin!" (DUNCAN, 2009, p.223)⁹

Para Jean-Paul Gabilliet, três fatores foram responsáveis pela consolidação das histórias em quadrinhos na década de 1930: o crescimento do número de revistas temáticas, um maior número de editoras, e o surgimento do Superman. (GABILLIET, 2010, p.32). Gabilliet afirma que existia apenas uma editora entre 1933 e 1934, e que esse número subiu para 3, em 1935, passando para 7 editoras, em 1936, e chegando até 18 editoras, em 1939. Merece destaque, também, o crescimento no número de publicações. Três títulos foram publicados, em 1933, saltando para 16, em 1934, chegando a 79, em 1936. Em

Hood, Tarzan, Nick Carter, John Carter, Hugo Danner, Doc Savage, The Bat, entre tantos outros.

⁹ Tradução livre: "As habilidades do Superman são diretamente influenciadas por um personagem chamado Hugo Danner, que apareceu no romance de 1930, de Philip Wylie, *Gladiator*, um livro com uma crítica muito favorável de feita por Jerry Siegel, em seu fanzine. No início do romance, o jovem Danner diz ao pai: "Eu posso pular mais alto do que uma casa. Eu posso correr mais rápido do que um trem. Posso puxar árvores grandes e empurrá-las". Mais tarde, quando Danner vai para a guerra, ele descobre que sua pele é invulnerável a balas, e apenas morteiros explosivos podem feri-lo. Em suas primeiras aventuras, os poderes limitados do Superman foram descritos de maneira semelhante. Em *Action Comics* #01 (1938), Clark Kent descobriu que poderia "saltar um prédio de vinte andares...levantar muito peso...correr mais rápido do que um trem expresso...e que nada menos do que uma bomba explodindo poderia penetrar em sua pele!"

1937 já era possível encontrar cerca de 163 títulos, passando para 224, em 1938, até chegar em 322 título, em 1939 (GABILLIET, 2010, p.35).

As histórias em quadrinhos, esse novo objeto cultural, se consolidou entre os anos de 1933 e 1939, mas ainda mantendo sólidos laços com a literatura Pulp e com as tiras publicadas nos jornais, diários ou semanais. Com o sucesso alcançado pelo Superman, e pela revista *Action Comics*, que regularmente atingia a marca de um milhão de exemplares vendidos¹⁰, as histórias em quadrinhos, identificadas com o gênero dos super-heróis, pôde se emancipar, de uma vez por todas, dos laços que as vinculavam a seus predecessores.

Nos meses seguintes o número de personagens que utilizavam fantasias para combater o crime não parou de crescer. No décimo número da revista *Funny Pages* apareceu o personagem "The Arrow"; na revista *Detective Comics* #27, surgiu "The Batman", dois meses depois, a revista *Adventure Comics* #40 apresentou "The Sandman". Segundo Gabilliet, em 1939 já existiam 22 super-heróis, saltando para 697 no ano seguinte, e crescendo significativamente até estabilizar em 1125, nos anos de 1944 e 1945.

O crescimento do gênero de super-heróis, portanto, antecedeu a Segunda Guerra Mundial, mas inegavelmente se desenvolveu simultaneamente ao conflito global. E ainda que concordemos com Bradford Wright, para quem os super-heróis entraram na Guerra muito antes dos Estados Unidos (WRIGHT, 2001), a entrada dos EUA, após o bombardeio japonês à base naval de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, foi um divisor de águas, não apenas para o conflito, por representar a entrada de uma enorme potência ao lado dos aliados, mas também para as histórias em quadrinhos, que viram o surgimento de

¹⁰ Brian J. Robb afirma que as revistas que não possuíam super-heróis estavam vendendo entre 200 mil e 400 mil exemplares, enquanto os títulos do Superman chegavam até 1 milhão e 300 mil. ROBB, Brian J. *A brief history of the superheroes: from Superman to the avenger, the Evolution of the comic book legends*. Running Press Book Publishers, United States, 2014, p71.

dezenas de heróis patrióticos e que rapidamente se juntaram ao esforço de guerra¹¹. O mais icônico desses personagens é, sem sombra de dúvidas, o Capitão América, criado por Joe Simon e Jack Kirby, em 1940¹², e que em sua primeira edição apareceu dando um soco na cara de Hitler.

Imagem 2: Capa da revista Captain America #01



Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Captain_America_Comics_Vol_1

Na capa, é possível identificar inúmeros elementos presentes nos quadrinhos do período, como a ameaça nazista e a presença de “sidekicks”, personagens mais jovens que auxiliavam o herói principal. A ação tem início

¹¹ Para saber mais sobre alguns dos heróis patrióticos e sobre as representações da Segunda Guerra Mundial, ler o artigo “A Segunda Guerra Mundial e os quadrinhos em dois tempos: da propaganda política ao direito à memória”, presente na coletânea “História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa”, organizada por Victor Callari e Márcio dos Santos Rodrigues.

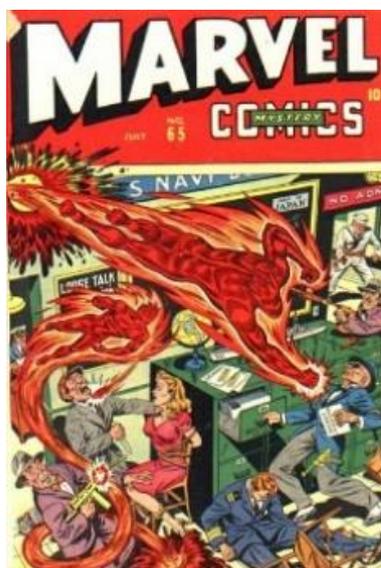
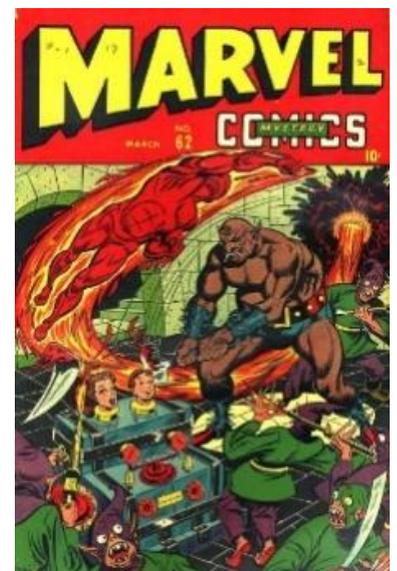
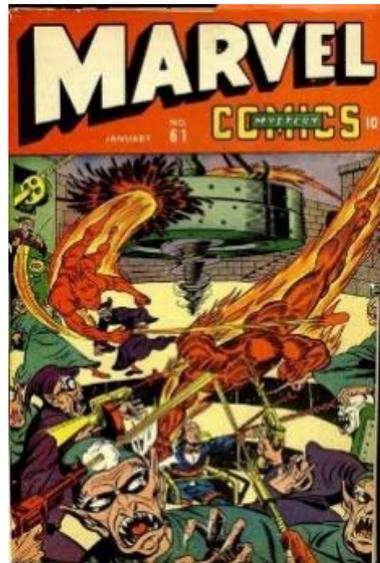
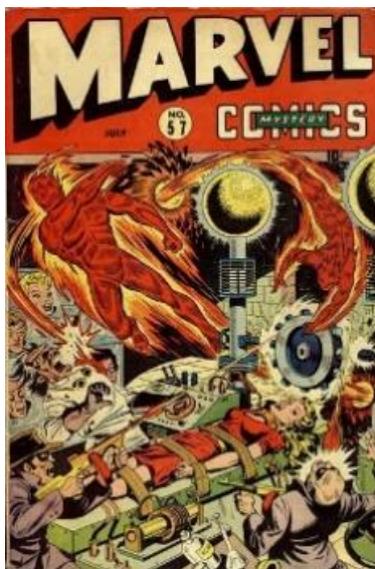
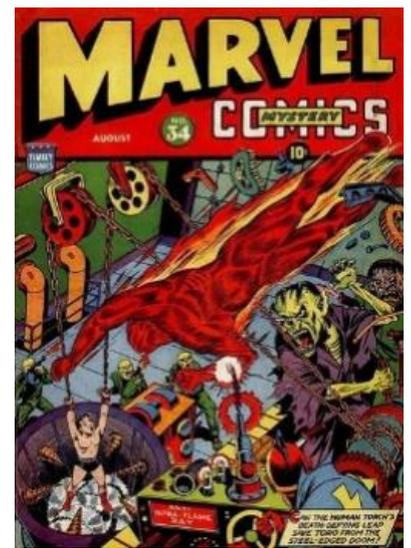
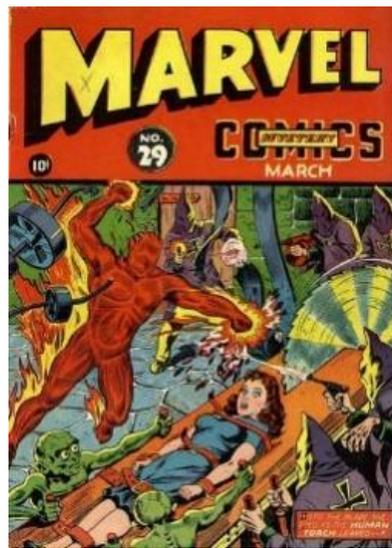
¹² Apesar da data de lançamento na capa apontar para março de 1941, a revista chegou às bancas em dezembro de 1940.

pelo lado direito, onde é possível identificar as barras da janela destruídas, possivelmente sendo o local por onde o Capitão América entrou. Ao fundo, e logo acima do herói, também é possível identificar um soldado nazista, agindo como um sabotador e explodindo um centro militar dos Estados Unidos. A ameaça ao país é reforçada no primeiro plano da ação, uma vez que em cima da mesa está presente um mapa do país. O soldado, que aparece de costas para o leitor, dispara sua arma e a bala ricocheteia no escudo do super-heróis. No centro da cena, Hitler aparece com uma expressão de dor, enquanto o Capitão América, em posição ativa, dispara um cruzado de direita em seu maxilar, cujo movimento é reforçado pelo uso de linhas cinéticas de ação. *Captain America #01* vendeu mais de 1 milhão de exemplares e se consolidou como uma das revistas mais importantes daquele período.

Entre os anos de 1939 e 1945, centenas de revistas retrataram a guerra em suas capas e em seus enredos. Um caso bastante exemplar é o da revista *Marvel Mystery Comics*, publicada pela editora *Timely Comics*, a partir de outubro 1939¹³. Essa revista, marcada pela presença de super-heróis como "Namor", "Tocha Humana" e "Kazar", publicou entre sua primeira edição e maio de 1945, data que marca o final da Segunda Guerra Mundial, cerca de 65 volumes, e em apenas 17 deles as capas não apresentavam alguma referência à guerra. Ao considerarmos apenas as capas das edições publicadas após dezembro de 1941, é possível contabilizar um total de 37 edições (entre os números 28 e 65), e em apenas 7 delas não existe uma menção explícita à guerra.

Imagem 3: Capas da revista *Marvel Mystery Comics*, entre 1941 e 1945, sem referências à Segunda Guerra Mundial (#28, #29, #34, #57, #61, #62, #65)

¹³ A editora *Timely Comics* se tornaria, mais tarde, a *Marvel Comics Entertainment*. E a série *Marvel Mystery Comics*, em sua primeira edição, era chamada apenas de *Marvel Comics*.



Fonte:
[https://marvel.fandom.com/wiki/Marvel_Mystery
_Comics_Vol_1](https://marvel.fandom.com/wiki/Marvel_Mystery_Comics_Vol_1)

Todas as capas são marcadas por muita ação, monstros e donzelas em perigo. Mas as ameaças, nesses casos, são feitas por monstros e homens mascarados, encapuzados e armados. Nas demais capas da revista, em que é possível identificar elementos relacionados à Segunda Guerra Mundial, os desenhos também apresentam bastante elementos de ação; trazem tanques de guerra, navios, aviões e explosões. Os heróis, quase sempre, parecem combater tentativas de invasão ou de sabotagem no território estadunidense, e os vilões são retratados com bandeiras contendo a suástica nazista ou a bandeira imperial do Japão.

Imagem 4: Capas da revista *Marvel Mystery Comics* contendo elementos relacionados à II Guerra Mundial (#16, #21, #49)



Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Marvel_Mystery_Comics_Vol_1

É importante, também, destacar as diferenças na forma com que os vilões eram representados nessas capas. Os inimigos nazistas eram representados como soldados humanos, como pode ser observado na capa da edição número 04, de 1939. E mesmo após o conflito na Europa avançar, os alemães

continuaram sendo retratados da mesma maneira. Os japoneses, no entanto, foram desde o início retratados com cores amareladas, de forma animalésca, com dentes pontiagudos e feições que os aproximavam de macacos e monstros, demonstrando nitidamente estereótipos raciais e preconceituosos que permeavam sociedade estadunidense naquele contexto. Segundo Nathan Madison:

As Japanese aggression mounted in the East and imperialistic advances were made throughout the Pacific, the “Nipponese” became the primary targets of the 59gainst imagery previously reserved for all Orientals. Furthermore, Asian characters of other nationalities, such as Chinese and Korean, were depicted in a more positive light—as fellow democratic brethren Fighting 59gainst foreign invasion (MADISON, 2013, p.124)

Imagem 5: Capas da revista Marvel Mystery Comics contendo elementos relacionados à II Guerra Mundial (#04, #20, #25,#32, #41, #53)





Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Marvel_Mystery_Comics_Vol_1

Ao observarmos os protagonistas da revista *Marvel Mystery Comics*, nos deparamos com personagens como Namor e Tocha Humana, que sobreviveram ao esquecimento e continuam conhecidos em pleno século XXI. No entanto, muitas revistas eram protagonizadas por personagens que acabaram por cair no esquecimento, apesar de algumas tentativas de atualização na segunda metade

do século XX, como o caso dos personagens “The Angel”, “The Black Marvel” e “The Destroyer”, sendo esse último a primeira criação de Stan Lee (ver imagem 6).

Imagem 6: Capas da revista *Mystic Comics* (#01, #05, #09)



Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Mystic_Comics_Vol_1

As capas acima evidenciam que mesmo os personagens incapazes de manterem relevância após o final da guerra partilhavam das mesmas convenções de personagens como o Capitão América, Namor e Tocha Humana. Nesse sentido, é importante destacar a ausência de pesquisas no âmbito da História Social, ou mesmo da História Cultural, que possam contribuir para o entendimento dos fatores que fizeram com que alguns personagens fossem recuperados, com sucesso, na década de 1960, enquanto outros acabaram relegados ao oblivio.

The Comedy Comics e o Super Rabbit

Caminhando lado a lado com o sucesso alcançado pelo super-heróis durante a década de 1940 estavam histórias de animais, escritas para um

público ainda mais jovem, e cujo gênero era, desde o início do século, conhecido por “funny animals”¹⁴.

Primeiramente, nas tiras de jornais do século XIX, os “funny animals” ganharam destaque com os trabalhos “California Bears”, “Little Bears” e “Mr. Jack”, do artista James Guilford Swinnerton. Suas obras, cujos personagens eram ursos, tigre, e outros animais, não eram direcionadas para o público infantil, mas pelo contrário, atingiam os leitores adultos dos jornais, em suas seções de entretenimento, e abordavam temas cotidianos, questões políticas e sociais.

Contudo, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que o gênero se popularizou, e muito do seu sucesso se deu a partir de obras como *Krazy Kat*, de George Herriman, publicada entre 1913 e 1944, pelo Gato Félix, de Pat Sullivan e Otto Messmer, criado originalmente como um desenho animado, mas que a partir de 1923 passou a figurar em histórias em quadrinhos; e também graças ao sucesso do personagem Mickey Mouse, criado por Walt Disney, em 1928, e que assim como o Gato Félix estreou nos cinemas antes de ocupar as páginas dos jornais. Durante esse processo, o gênero dos “funny animals” pouco a pouco ampliou seu público leitor e passou a dialogar, também, com crianças e jovens.

No entanto, nos primeiros anos da década de 1940, as principais editoras de quadrinhos pareciam apostar muito mais no sucesso do gênero de super-heróis. No caso da *Timely Comics*, de Martin Goodman, suas publicações de maior sucesso eram *Marvel Mystery Comics*, *Daring Mystery Comics*, *Mystic*, *Red Raven*, *Human Torch*, *Captain America*, *Sub-Mariner*, *All Winners*, *Young Allies*, *U.S.A Comics* e *Tough Kid Squad Comics*. E foi justamente da mudança da revista *Daring Mystery Comics*, após oito edições apenas, para *Comedy Comics*, que a

¹⁴ É importante destacar que nos Estados Unidos as histórias em quadrinhos são conhecidas por “comic books”, e da mesma maneira que nem todas as histórias podem “cômicas”, no gênero “funny animals” nem todas as histórias são engraçadas.

Timely abriu as portas para o gênero que ultrapassaria, em vendas, os super-heróis no período posterior à guerra.

A primeira edição da revista *Comedy Comics* chegou às bancas de jornais em janeiro de 1942¹⁵, e logo abaixo do título ostentava o número 9, afinal era uma continuação das oito edições da revista *Daring Mystery Comics* (ver imagem 7).

Imagem 7: Capa da revista *Comedy Comics* #09



Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Comedy_Comics_Vol_1

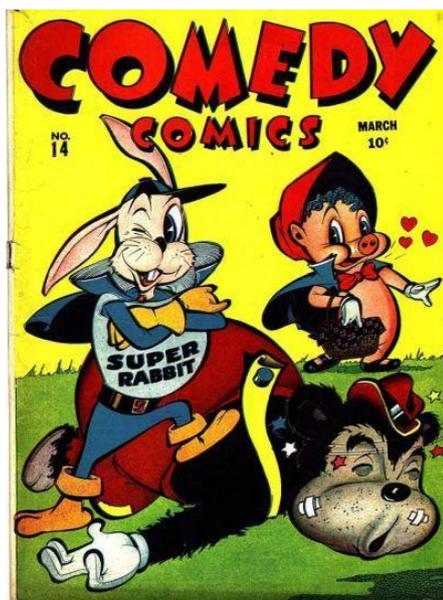
Engana-se quem acredita que a publicação da *Comedy Comics* pode representar uma drástica mudança das estratégias editoriais de Martin Goodman e da *Timely*. A própria estrutura interna da revista indicava a desconfiança dos editores, uma vez que boa parte de seus conteúdos davam continuidade às histórias de super-heróis publicadas pela *Daring*, como “Citizen

¹⁵ Assim como muitas outras revistas, a data de lançamento não coincide com a data presente na capa, que nesse caso era “abril”, de 1942.

V” e “The Fin”, que agora dividiam as páginas com histórias como “Splash Morgan”, “Tubby an’ Tack”, e o destaque da capa, “A Riot of fun”¹⁶.

A revista *Comedy Comics* foi publicada entre 1942 e 1946, mudando de nome para *Margie Comics*, a partir da edição número 35. Nesse período foram publicadas 26 edições, cada uma delas contendo entre cinco e oito histórias, escritas e desenhadas por dezenas de roteiristas e desenhistas diferentes. Entre eles, destacam-se Jim Mooney, artista que após a guerra ficou conhecido por seus trabalhos na *DC Comics*, Mike Sekowsky, roteirista e desenhista da *Justice League of America*, na década de 1960, Dave Berg, editor da consagrada revista “*Mad*”, Vince Fago, artista que havia sido animador assistente na *Paramount*, e que após a ida de Stan Lee para a Guerra, em 1943, foi alçado ao cargo de editor-chefe; e Ernie Hart, responsável pela criação do personagem mais popular da revista, o *Super Rabbit*¹⁷.

Imagem 8: Capa da revista *Comedy Comics* #14



Fonte:

[https://marvel.fandom.com/wiki/Comedy Comics Vol 1](https://marvel.fandom.com/wiki/Comedy_Comics_Vol_1)

¹⁶ A revista *Daring Mystic Comics* não foi a única a ter seus super-heróis substituídos por animais antropomorfizados. Em 1946, já após o final da Segunda Guerra Mundial, a revista *Kid Komiks*, publicada desde 1943, viu seus heróis encapuzados dividirem espaço com personagens do gênero de “funny animals” a partir da edição número 11.

¹⁷ Para os leitores mais acostumados com o gênero dos super-heróis, Ernie Hart foi o criador da personagem *Vespa*, ao lado de Stan Lee e Jack Kirby.

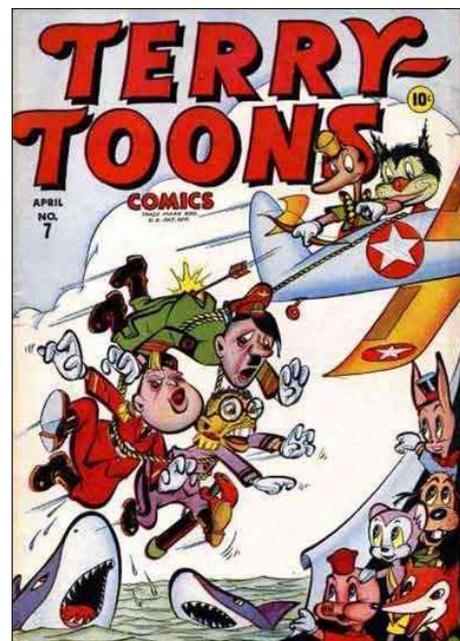
Esse personagem, cuja estreia aconteceu na edição #14, de 1943, foi criado como contraponto ao coelho herói da *Fawcett Comics*, *Hoppy – the Marvel Bunny*, considerado um *Spin-off* de um dos super-heróis mais populares da década de 1940, o Capitão Marvel, que era capaz de rivalizar, e muitas vezes superar, as vendas de personagens como o próprio Superman.

Apesar de não termos encontrado dados acerca das vendas da revista *Comedy Comics*, seu sucesso levou Goodman e a *Timely* a investirem no gênero e, logo, muitas outras revistas chegaram às bancas, como a revista *Krazy Krow*, publicada em 1945; *Funny Frolics*, publicada entre 1945 e 1946, e as de maior sucesso, como *Krazy Komics*, publicada entre 1942 e 1947¹⁸, *Terry Toons*, publicada entre 1942 e 1947, e *All Surprise Comics*, publicada entre 1943 e 1945, mas que continuou a ser publicada até a década de 1950 com outros nomes (*Jeanie Comics Vol 1* e *Cowgirl Romances Vol 1*).

Nas quarenta edições da revista *Terry Toons* publicadas entre 1942 e 1945, apenas uma capa fez referência ao conflito entre as forças Aliadas e o Eixo. Em fevereiro de 1943, a revista publicava seus personagens frente à frente com os “inimigos da democracia”. (ver imagem 9)

Imagem 9:
Capa da revista *Comedy Comics* #09

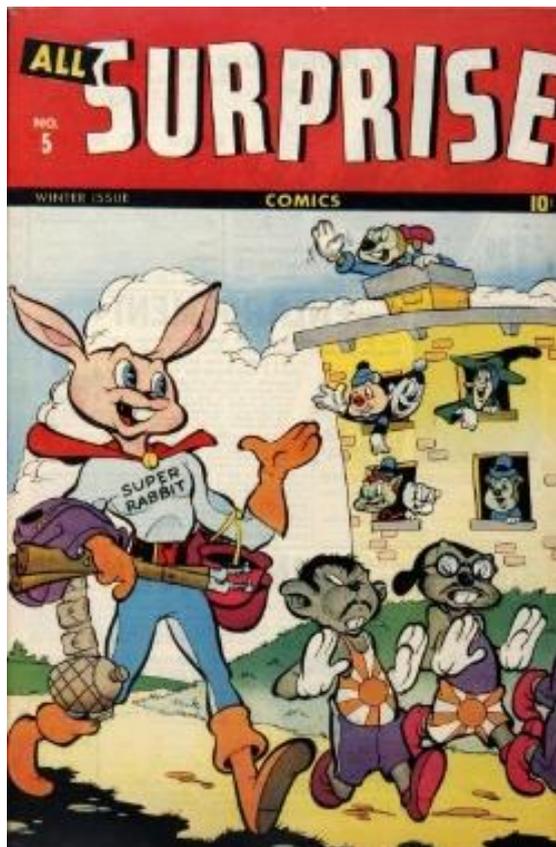
Fonte:
https://marvel.fandom.com/wiki/Terry-Toons_Comics_Vol_1



¹⁸ Após a edição 26, a revista passou a se chamar *Cindy Comics Vol 1*.

No mesmo período, entre as oito edições da revista *All Surprise Comics*, também foi possível encontrar apenas uma referência. Em sua edição de número cinco, o personagem Super Rabbit aparece escoltando dois personagens, que se por um lado não são facilmente identificados como animais, podendo ser ratos, macacos, coelhos, ou ainda uma mistura de todos eles, por outro, são facilmente associados aos japoneses, não apenas pelos olhos típicos dos orientais, mas também pelas bandeiras japonesas, em suas camisetas e calções. A imagem abaixo também pode fazer uma referência à algumas das questões enfrentadas por japoneses em território estadunidense, após o presidente Roosevelt sancionar a Ordem Executiva 9066, em 1942, e que resultou na perseguição e encarceramento forçado, em campos de concentração, de japoneses e seus descendentes.

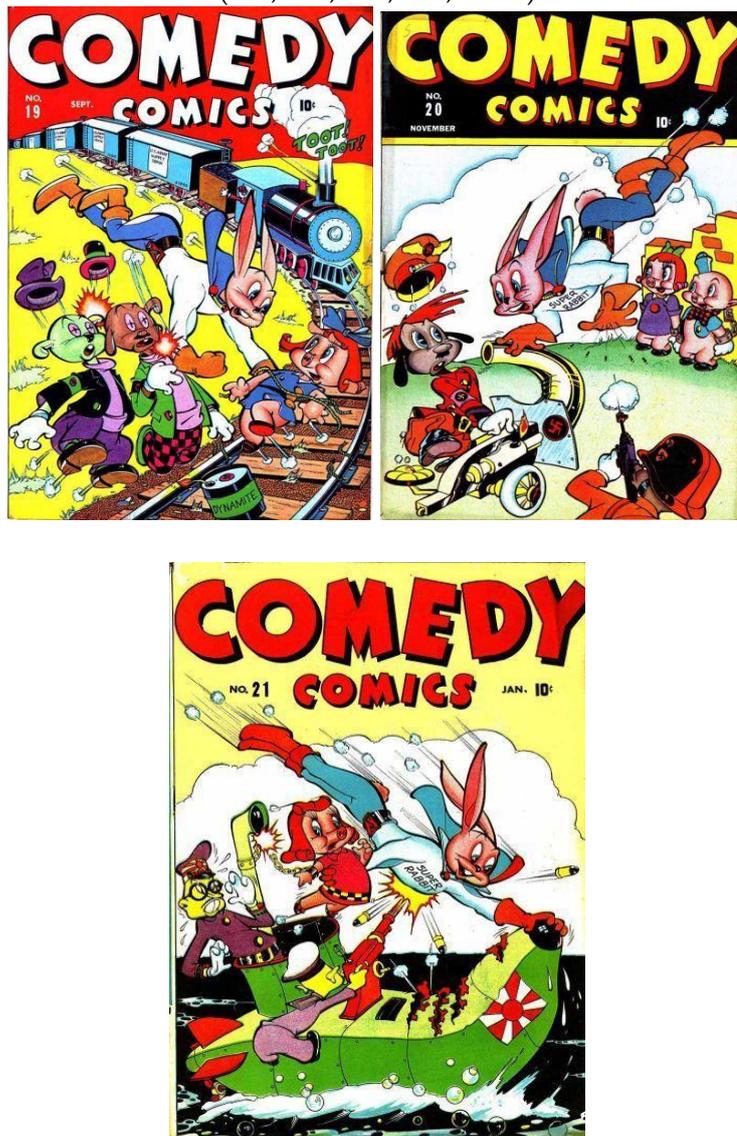
Imagem 10: Capa da revista *All Surprise Comics* #09



Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/All_Surprise_Vol_1

Se nas demais revistas a temática da Segunda Guerra Mundial aparecia de forma tímida e contida, o mesmo não se pode dizer da *Comedy Comics*. Em suas vinte e duas edições, publicadas até 1945, em cinco delas foi possível encontrar referências explícitas à Segunda Guerra Mundial, sendo elas as edições #19, #20, #21 e #22, publicadas entre julho e dezembro de 1943, e a edição #24, publicada em maio de 1944 (ver imagem 11).

Imagem 11: Capas das revistas *Comedy Comics* (#19, #20, #21, #22, e #24)





Fonte: https://marvel.fandom.com/wiki/Comedy_Comics_Vol_1

É possível observar nas capas acima como as referências alternam entre representações dos inimigos nazistas, como nas edições #20, #22, e #24, com destaque para a segunda delas, em o herói frustra os planos do vilão Super Nazi, um irritado porquinho que utilizava um bigode igual ao do líder nazista, Adolf Hitler. Em outras duas capas, destacam-se os inimigos japonês, representados dentro dos mesmos estereótipos utilizados pelos artistas das revistas de super-heróis. Tanques, navios e trens também são elementos comuns e que compõem o que podemos chamar de convenções de representações da guerra nas histórias em quadrinhos, assim como a presença de personagens femininas e tentativas de sabotagem e espionagem.

Sustenta-se portanto, uma leitura que compreende não apenas o surgimento, mas também o crescimento significativo de um conjunto heterogêneo de revistas, muitas vezes definidas como participantes do gênero dos "funny animals", e cujas histórias voltavam-se para um público ainda mais jovem do que os leitores habituais do gênero de super-heróis, em uma perspectiva de sincronicidade, enxergando como muitas das convenções narrativas que dominavam as revistas de super-heróis, nos anos anteriores,

mantiveram-se nas publicações que abarcavam esse "novo" gênero. Destaca-se também, como as próprias estratégias editoriais, entre elas, aquelas que modificavam os nomes das publicações, enquanto mantinham a sequência de sua numeração, foram responsáveis pelo amálgama desses dois gêneros, uma vez que é possível identificar como os super-heróis dividiram as páginas das revistas com esses novos personagens, até que acabassem, eventualmente, substituídos nos anos seguintes ao final da Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLARI, Victor; RODRIGUES, Márcio dos Santos (org.). **História e quadrinhos: contribuições ao ensino e à pesquisa**. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2021.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Portugal: Difel, 2002.

DUNCAN, Randy; SMITH, Matthew J. **The power of comics: history, form and culture**. New York, The Continuum International Publishing Group Ltd, 2009.

GABILLIET, Jean-Paul. **Of Comics and Men: A Cultural History of American Comic Books**. University Press of Mississippi, United States of America, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENKINS, Philip. **Uma história dos Estados Unidos da América**. Lisboa, Portugal: Editora Texto e Grafia, 2012.

LEPORE, Jill. **Estas verdades: a história da formação dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

MADISON, Nathan Vernon. **Anti-foreign imagery in American pulps and comic books, 1920–1960**. McFarland & Company, Inc., Publishers Jefferson, North Carolina, and London, 2013.

ROBB, Brian J. **A brief history of the superheroes: from Superman to the avenger, the Evolution of the comic book legends.** Running Press Book Publishers, United States, 2014.

WRIGHT, Bradford W. **Comic Book Nation: the transformation of youth culture in America.** The John Hopkins University Press, Baltimore & London, 2001.

Recebido em Maio de 2023.

Aprovado em Junho de 2023.